

Vida nossa ou vida da gente: um estudo variacionista dos pronomes possessivos de 1.^a pessoa do plural

Vida nossa or vida da gente: a study of the 1st person plural of possessive pronouns

Aluiza Alves de Araújo*
Sara Alexandre Ferreira**
Francisco de Assis Pereira da Silva***

RESUMO

Tendo por base os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, o presente artigo objetiva investigar a variação entre os pronomes possessivos de primeira pessoa do plural *nosso/a(-s)* e a forma inovadora *da gente* na fala culta fortalezense. Para tanto, utilizamos a amostra do projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza - PORCUFORT - FASE II, constituída por 36 informantes retirados do tipo de inquérito Diálogo entre Dois Informantes (D2). Os resultados evidenciam que a variação das formas *da gente* e *nosso/a(-s)* favorecem o uso da variante conservadora, sendo a mais utilizada na comunidade de fala estudada.

Recebido em 5 de setembro de 2022.

Aceito em 3 de janeiro de 2023.

DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2023n65.1331>

* Universidade Estadual do Ceará, E-mail: aluiza.araujo@uece.br.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2166-0852>

** Universidade Estadual do Ceará E-mail: saraalexandre1975@gmail.com.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1380-5038>

***Universidade Estadual do Ceará E-mail: diassiscpt@gmail.com.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2424-569X>

1 O presente artigo é produto dos trabalhos desenvolvidos no Laboratório de Pesquisas Sociolinguísticas do Ceará – LAPESCE.

Embora a variante inovadora tenha se mostrado influenciada pelos fatores linguísticos tamanho do grupo e tipo de posse, concluimos que a forma *da gente* ainda apresenta contextos de restrição de ocorrência, e, portanto, inferimos que a mudança no paradigma pronominal possessivo na comunidade analisada ainda está bem distante de ser implementada.

PALAVRAS-CHAVE: Pronomes Possessivos. 1^a Pessoa do Plural. Falar Culto. Fortaleza. Sociolinguística Variacionista.

ABSTRACT

Based on the theoretical assumptions of Variationist Sociolinguistics, this article aims to investigate the variation between the first person plural possessive pronouns *nossa/a(-s)* and the innovative form *da gente* in the cultural language of Fortaleza. For this purpose, we used the sample of the project *Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza - PORCUFORT - PHASE II*, consisting of 36 informants drawn from the interview type *Dialog between Two Informants (D2)*. The results show that the variation of the forms *da gente* and *nosso/a(-s)* favors the use of the conservative variant, the most used in the linguistic community studied. Although the innovative variant was influenced by the linguistic factors of group size and type of possession, we conclude that the form *da gente* still occurs in contexts of restricted occurrence. Thus, we conclude that the change in the paradigm of possessive pronouns in the community under study is far from complete.

KEYWORDS: Possessive Pronouns. 1st Person Plural. Cultured Speech. Fortaleza. Variationist Sociolinguistics.

Introdução

A variação e a mudança linguística, inerentes ao próprio sistema da língua, têm sido objeto de pesquisas sociolinguísticas desde a década de 1960 a partir dos estudos de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]), postulando que, tanto os aspectos internos quanto os fatores externos são de suma importância na compreensão dos fenômenos variáveis que ocorrem na fala de uma determinada comunidade, e que atuam tanto no processo de variação quanto no de mudança linguística.

Partindo desses pressupostos, definimos como objeto de estudo do presente artigo a variação dos pronomes possessivos de primeira pessoa do plural *nosso/a(-s)* e a forma inovadora *da gente*. Consideramos relevante

investigar o uso variável dos referidos pronomes nos dados do *corpus* do Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza – PORCUFORT (Fase II), verificando, nesta ação investigativa, a atuação de variáveis linguísticas (forma de posse em função do tamanho do grupo, forma de posse em função da posição do possessivo, forma de posse em função do tipo de posse e forma de posse em função do tipo de determinante) e sociais (sexo/gênero e faixa etária) no uso da forma inovadora *da gente* em comparação ao uso da forma conservadora *nosso/a(-s)*, bem como analisando se o fenômeno investigado se comporta como variação estável.

Na perspectiva de analisar o processo variável dos pronomes mencionados, surgem as seguintes indagações: há variação das formas *da gente* e *nosso/a(-s)* presentes no *corpus* do PORCUFORT? Em caso afirmativo, esse fenômeno tem se apresentado como variação estável ou mudança em curso? E por fim, considerando a existência de variação, que fatores linguísticos e/ou sociais condicionam esse processo de variação?

Tendo em vista a necessidade de buscar respostas a estas questões, o presente artigo justifica-se pela importância em abordar o fenômeno da variação e mudança, envolvendo os pronomes possessivos de primeira pessoa do plural (doravante 1^ªpp) *da gente* e *nosso/a(-s)* no PORCUFORT - fase dois, visando identificar se ocorre o processo de mudança no sistema pronominal possessivo na modalidade oral culta fortalezense.

Ressaltamos ainda que há poucas pesquisas a respeito do nosso objeto de estudo (ARAÚJO, 2005; RAFAEL, 2010; OLIVEIRA, 2016; MENDONÇA; BORGES, 2021), e diante disso, consideramos pertinente, por meio deste trabalho, apresentar alguns resultados sistemáticos sobre essa variável, no sentido de ampliar, portanto, os conhecimentos acerca desse fenômeno linguístico, contribuindo para uma maior compreensão do objeto investigado, e também para o desenvolvimento dos estudos sociolinguísticos no Brasil.

Assim sendo, o artigo divide-se em seções e subseções interligadas e complementares, nas quais discutimos: a) alguns pressupostos acerca da

Teoria da Variação e Mudança Linguística postulados pela Sociolinguística Variacionista; b) os procedimentos metodológicos, a análise dos dados e a discussão dos resultados; e c) as considerações finais quanto ao objeto de estudo do presente artigo.

1 Sociolinguística Variacionista

A Sociolinguística é uma ciência autônoma e interdisciplinar que teve seu início em meados do século XX, ocupando-se, a partir de então, da relação não só entre língua e sociedade, como também do estudo da estrutura e da mudança linguística dentro do contexto da comunidade de fala. Ela procura exatamente estudar a língua em seu uso por uma dada comunidade linguística, analisando os aspectos sociais com o intuito de compreender a estrutura das línguas e seu funcionamento. Seu surgimento ocorreu nos Estados Unidos, mais precisamente em meados da década de 1960, em que o estudo da variação e da mudança, na perspectiva sociolinguística, foi impulsionado, sobretudo, por William Labov.

Inspirada em grande escala pelo trabalho pioneiro de Labov, a sociolinguística incrementou uma nova compreensão da natureza variável e mutável da linguagem, e também reconheceu o caráter regular e sistemático da heterogeneidade da língua por meio de um conjunto de estudos empíricos de natureza quantitativa, cujo foco era a língua em uso no contexto social, e, desse modo, caracterizou-se por representar uma espécie de reação aos enfoques estruturalista e gerativo-transformacional da linguagem.

Trudgill (2000) afirma que um dos principais fatores que tem levado ao crescimento da pesquisa sociolinguística tem sido o reconhecimento da importância do fato de que a linguagem é um fenômeno muito variável, e que essa variabilidade pode ter tanto a ver com a sociedade quanto com a linguagem, ou seja, uma ciência que se preocupa com a linguagem como um fenômeno social e cultural. Nesse sentido, tanto a variabilidade quanto a heterogeneidade da língua são partes integrantes da comunidade linguística,

necessária para satisfazer as demandas linguísticas da vida cotidiana. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). Logo, a ideia de que a variação é uma parte inerente da linguagem é a máxima fundamental da abordagem sociolinguística variacionista.

A Sociolinguística Variacionista (também conhecida como sociolinguística laboviana ou Teoria da Variação e Mudança) é uma vertente cuja abordagem adota metodologias quantitativas, concentrando-se na frequência com que determinadas formas linguísticas ocorrem no uso e no grupo dos falantes ou em sociedades mais amplamente consideradas. De acordo com Sankoff (1988), ela vê o comportamento de uma variável conforme se distribui por uma série de fatores transversais, sejam eles externos (sociais) ou internos (linguísticos).

Partindo desse princípio, Labov (2008) enfatiza que, para lidar com a língua, temos de olhar para os dados da fala cotidiana o mais perto e diretamente possível, caracterizando, dessa forma, seu relacionamento com as teorias gramaticais do modo mais acurado que pudermos, a fim de corrigir, adequar e ajustar a teoria ao objeto visado. Nesse processo de estudo direto da língua em seu contexto social, associado à combinação de métodos empregados pela Sociolinguística Variacionista, também conhecida como Sociolinguística Quantitativa, é que o estudo sistemático da variação, conforme aponta Sankoff (1988), vai revelando novos tipos de estrutura, tornando possível, assim, a explicação dos padrões que favorecem a mudança linguística.

Sob esse viés, Tagliamonte (2012) assinala que os padrões que surgem são usados pelo pesquisador sociolinguista para interpretar e explicar o fenômeno sob investigação. E pelo fato de que a diferenciação linguística em comunidades de fala tem sido consistente para diferentes características linguísticas, cujos padrões se repetem em diferentes situações no tempo e no espaço, é que se faz necessário haver uma investigação sociolinguística variacionista, tendo em conta que este tipo de investigação busca atestar, por meio da linguagem em uso, o fato de que a língua está sempre mudando.

Para descobrir os fatores relevantes, tanto sociais quanto linguísticos, os dados são analisados usando uma modelagem estatística – método este que adotamos no presente estudo, conforme veremos mais adiante, haja vista que o fenômeno analisado considera os postulados teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista. Nesta direção, Labov (1994) enfatiza que as técnicas para o estudo representado da comunidade de fala nos permitem rastrear o processo de mudança através da estrutura social, e assim localizar os inovadores, bem como aqueles que resistem e se opõem à mudança.

No que concerne às formas inovadoras, Labov (2008) acrescenta que estas entram em contato com as formas mais antigas, num amplo espectro de usos, e cabe ao sociolinguista analisar os estágios em que ocorre o processo da mudança linguística. Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) consideram que a mudança linguística é um processo contínuo em um sistema ordenadamente heterogêneo no qual uma forma canônica e uma inovadora coexistem dentro de um mesmo sistema linguístico, e que a escolha entre alternativas linguísticas está correlacionada a um sistema que muda acompanhando as mudanças na estrutura social.

Fundamentados nestes pressupostos, consideramos relevante analisar, na perspectiva da Sociolinguística Variacionista, o processo de mudança no sistema pronominal possessivo na fala culta fortalezense referente aos pronomes possessivos de 1.^app *da gente* e *nosso/a(-s)*, identificando seus fatores condicionantes, tanto de ordem linguística quanto social. Para tanto, julgamos pertinente abordar alguns estudos em que foram desenvolvidas pesquisas de natureza quantitativa sobre o objeto de estudo do presente artigo, conforme descrevemos a seguir.

1.1 Estudos variacionistas sobre da gente/nosso/a(-s)

Como ponto de partida, para uma melhor compreensão do fenômeno analisado neste estudo, destacamos o trabalho de Araújo (2005), que, em sua dissertação de mestrado, teve como objetivo realizar uma análise sócio-

histórica das expressões de posse do português do Brasil. Nessa perspectiva, houve a comprovação da hipótese em relação ao comportamento dos pronomes possessivos – objeto de estudo da referida pesquisa –, de que o intenso contato entre as línguas indígenas, africanas e europeias, no seu processo de formação, foi de grande importância para imprimir os principais traços da variedade linguística do português brasileiro (doravante PB).

A referida pesquisa foi realizada no âmbito do Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia e contou com 28 entrevistas que obedeceram a critérios de faixa etária, sexo, comunidade, nível de escolaridade e estada fora da comunidade. As variáveis linguísticas controladas foram: paralelismo formal, alternância das formas de referência pessoal por informante nas entrevistas, paralelismo discursivo, tipo de posse, nível de referencialidade do referente, presença do determinante do sintagma nominal (doravante SN) com o elemento possessivo, distribuição da posse, quantificação do referente possuído, presença de núcleo e função sintática do elemento do SN com o elemento possessivo.

Em seu trabalho, a autora estabeleceu uma variável ternária, com as formas *nosso*, *da gente* e *de nós*. No entanto, como a variante *de nós* apresentou poucas ocorrências, fazendo surgir muitos nocautes², ela optou pela eliminação desses dados e prosseguiu na análise com uma variável binária, apenas com as formas *nosso* e *da gente*. Os resultados gerais desse trabalho mostraram uma variação equilibrada em termos percentuais, pois, a forma *da gente* obteve o percentual de 49,57%, enquanto que a forma *nosso/a(-s)* apresentou 50,43%.

Em relação à pesquisa de Rafael (2010), a autora também objetivou analisar o fenômeno de variação, envolvendo os pronomes possessivos *da*

2 O termo “nocaute”, na pesquisa sociolinguística, é um fator que corresponde a uma frequência de 0% ou 100% num dado momento da análise, para um dos valores da variável dependente. Por exemplo, Guy e Zilles (2007) ilustram, para uma melhor compreensão, que, num estudo de apagamento de -s final, quando apresenta 100% de apagamento ou 0%, tal contexto conta como um nocaute.

gente e *nosso/a(-s)*. Em sua dissertação de mestrado, a autora fez uma análise nas modalidades oral e escrita da língua. Foram controlados os seguintes grupos de fatores sociais: sexo e escolaridade/idade. Com relação aos fatores linguísticos, foram controlados: dimensão do grupo referido pelo pronome possessivo, tipo de texto e modalidade da língua.

Os dados foram coletados do *corpus* Discurso & Gramática, e as codificações foram submetidas ao programa estatístico VARBRUL, que forneceu os dados relacionados às variantes. Os resultados gerais indicaram prevalência da variante *nosso/a(-s)*, com 86,2% sobre a variante *da gente*, com 14,8%. A autora não apresenta as variáveis escolhidas pelo programa por ordem de relevância, mas informa os fatores condicionadores da variante inovadora *da gente*: sexo feminino, estudantes de 4^a série na faixa etária de 9 a 11 anos de idade e estudantes de 8^a série, de 13 a 16 anos, para as variáveis sociais; grupo pequeno, narrativa recontada e modalidade falada para as variáveis linguísticas.

No que diz respeito à pesquisa de Oliveira (2016), o objetivo foi atestar a relevância do contato entre línguas ocorrido nos períodos colonial e imperial do Brasil, na reestruturação do aspecto gramatical do sistema de expressão de posse do português à luz da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas e da Teoria da gramática. A pesquisa teve como *corpus* amostras da língua falada no semiárido baiano (ALMEIDA; CARNEIRO, 2008), um conjunto de entrevistas com falantes analfabetos e semianalfabetos moradores de comunidades formadas por matrizes étnicas diferentes.

Os resultados percentuais apontaram que a variante inovadora foi a mais utilizada com 57% das ocorrências, seguida pela forma canônica *nosso/a (-s)* com 41,3%. Por fim, a forma *de nós* apresentou apenas o percentual de 1,7%.

No tocante à pesquisa de Mendonça e Borges (2021), o objetivo do estudo foi analisar a variação das formas possessivas na fala de universitários do *Campus Itabaiana/UFS*. As autoras utilizaram como amostra dados do

corpus Deslocamentos 2018/UFS-Itabaiana, composta por 80 entrevistas sociolinguísticas, estratificadas quanto ao sexo/gênero dos informantes.

Os resultados mostraram que a variante canônica *nosso/a(-s)* é mais utilizada pelos universitários, com 93% das ocorrências, enquanto que a variante analítica *da gente* obteve o percentual de 7%. Os resultados do teste de qui-quadrado apontaram que há uma associação estatisticamente significativa entre as variáveis paralelismo formal, tamanho do grupo possuidor, inclusão do interlocutor, posição do possessivo, presença de determinante, tipo de determinante, tipo de sintagma e sexo/gênero do falante e o uso de *nosso* ou *da gente* para expressar posse, com favorecimento do pronome *nosso* em todos os contextos controlados.

Como pudemos observar nesta seção, o uso pronominal possessivo de 1^ªpp *da gente* e *nosso/a(-s)* foi analisado em alguns trabalhos de natureza descritiva e sincrônica. A apresentação de tais estudos neste item, primeiramente, ofereceu-nos alguns critérios de orientação teórica para elaboração e ampliação das categorias de análise do fenômeno em estudo, a partir do que já se tem feito até então, como também do que ainda deverá se fazer, enquanto análise, para observar os fatores condicionadores das formas possessivas de 1^ªpp *da gente* e *nosso/a(-s)* do PB.

Segundo, ajudou-nos a apreender alguns traços característicos *a posteriori* do comportamento variável dos pronomes possessivos de 1^ªpp *da gente* e *nosso/a(-s)*, servindo-nos de parâmetro comparativo para os resultados obtidos por este estudo, os quais apontarão as semelhanças e diferenças existentes, decorrentes de fatores sociais e linguísticos, no emprego alternado dos referidos pronomes. Sendo assim, nossa perspectiva de análise será exposta a seguir, orientada pelos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística quantitativa.

2 Metodologia

A pesquisa descrita neste trabalho é do tipo quantitativa porque analisa uma grande quantidade de dados, utilizando-se de um programa

computacional, especialmente desenvolvido para a análise estatística de fenômenos linguísticos variáveis, conforme veremos em seção ulterior. Assim, pretendemos sistematizar as regularidades existentes na variação da fala quanto às formas possessivas de 1^ªpp *da gente* e *nosso/a(-s)*, visando a identificação de fatores independentes que influenciam a ocorrência de uma ou outra variante.

Vamos delinear os passos seguidos para a concretização de nossa pesquisa, considerando técnicas, codificação e coleta dos dados, amostra, definição das variáveis e processamento dos dados no programa estatístico GOLDVARB X³.

2.1 *Corpus* e amostra

Para a realização deste trabalho, utilizamos o *corpus* do projeto PORCUFORT - FASE II (Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza-CE), um projeto construído com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista. O PORCUFORT - FASE II foi coordenado pela prof^a. Dr^a Aluiza Alves de Araújo, no período de 2018 a 2022. O projeto teve como um de seus principais objetivos possibilitar investigações de fenômenos variáveis em tempo real, a partir de estudos de tendência. Portanto, a amostra do projeto considerou os mesmos fatores sociais da primeira fase de elaboração do corpus.

O projeto conta, na fase II, com 107 informantes; no entanto, neste trabalho, utilizamos apenas os dados de 36 informantes, estratificados de acordo com o sexo, a faixa etária e o tipo de registro, conforme mostra o quadro 1 abaixo.

3 O GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) foi desenvolvido para realizar análises linguísticas variacionistas e fornecer rodadas multivariadas dos grupos de fatores controlados pelos pesquisadores. Esse programa é uma versão atualizada do antigo pacote de programas VARBRUL.

Quadro 1- Distribuição dos informantes na nossa amostra

Faixa etária	Sexo	
	Masculino	Feminino
	Registro	
I (22-35)	4	6
II (36-55)	6	7
III (56 em diante)	6	7
Total	16	20

Fonte: Elaborado com base em Araújo, Viana e Pereira (2018, p. 182).

Tendo em vista que, nas pesquisas sociolinguísticas, recomenda-se que a estratificação proporcional da amostra seja de 5 (cinco) informantes em cada célula, composta de indivíduos com as mesmas características sociais (SILVA, 2019), na amostra de nossa pesquisa, entretanto, a distribuição de informantes em cada célula apresenta-se de forma assimétrica, conforme exposto no quadro acima, uma vez que a célula com 4 inquéritos apresenta-se desta forma por não ter havido ocorrência do fenômeno nos demais inquéritos que compõem esta célula. Assim, a distribuição do número de informantes da referida amostra justifica-se pelo fato de termos encontrado maior ocorrência das variantes em estudo apenas nos inquéritos do tipo D2 (Diálogo entre Dois Informantes) que aparecem nas células sociais apresentadas no quadro 1.

2.2 Variável dependente

A variável dependente é o fenômeno em variação investigado pelo pesquisador. Nessa pesquisa, nossa variável dependente é a expressão de posse referente à primeira pessoa do plural. Nossas variantes são o pronome *nossa* e suas flexões de gênero e número (*nossa*, *nossos*, *nossas*), e a forma nominal *da gente*. Essas formas são exemplificadas nas seguintes falas presentes na nossa amostra:

- Exemplos de pronomes possessivos de primeira pessoa do plural

“da *nossa* conversa né...” (D2-inq. 08)⁴

“assim e a gente não tem nem noção de como é que vai ser a velhice *da gente*...” (D2-inq. 08)

No decorrer das leituras das ocorrências, foi possível constatar a existência de formas cristalizadas do pronome *nosso* com suas flexões. Essas ocorrências foram descartadas, porque nesses tipos de formas não ocorre variação. Mais adiante, também apresentamos um exemplo de dados em que desprezamos as ocorrências de *da gente* com valor semântico de *de nós*.

- Exemplo de forma cristalizada

“aí minha *Nossa Senhora*” (D2-inq. 86)

- Exemplo de *da gente* com valor semântico de *de nós*

“aí a gente pegava uns cordões sai correndo o cachorro saía correndo atrás *da gente*” (D2-inq. 55)

2.3 Variáveis independentes

As variáveis independentes controladas na presente pesquisa são: as variáveis linguísticas forma de posse em função do tamanho do grupo, forma de posse em função do tipo de posse e forma de posse em função do tipo de determinante. As variáveis sociais são sexo/gênero e faixa etária⁵. A seguir, os grupos de fatores linguísticos de nosso estudo.

4 D2 – Diálogo entre Dois Informantes. Inquérito Número 08.

5 As variáveis sociais não serão apresentadas nas seções subsequentes porque o GOLDVARB X não as considerou relevantes em relação ao fenômeno de nossa pesquisa.

2.3.1 Forma de posse em função do tamanho do grupo

A variável tamanho do grupo designa a extensão do grupo a que o pronome possessivo se refere. Tendo como base Mendonça e Borges (2021), controlamos os três fatores: grupo pequeno (até dez pessoas); grupo médio (acima de dez pessoas – uma turma de alunos, por exemplo); e grupo grande (representando uma sociedade, uma nação). Nossa hipótese para esse fator é a de que a forma inovadora *da gente* será favorecida para designar grupos grandes, aqueles menos definidos e indeterminados, já a forma canônica *nosso/a(-s)* será favorecida para designar grupos pequenos e médios.

- Grupo Pequeno

“eu tô com/então a diferença *da gente* de 3 anos...” (D2-inq. 08) - Referindo-se à diferença de idade entre os dois informantes.

- Grupo Médio

“igual igual *nosso*s alunos eles não têm noção são uns inocentes” (D2-inq. 55) - Referindo-se à turma de alunos.

- Grupo Grande

“*nosso* país ele é cercado por países que fala a língua espanhola” (D2-inq. 65) - Referindo-se à nação.

2.3.2 Forma de posse em função do tipo de posse

Dividimos esta variável em três fatores: posse material (quando o possuído é algo que pode ser comprado ou adquirido); posse abstrata (quando o possuído se refere a algo que não pode ser comprado, mas pode ser adquirido ao longo do tempo, pode ser de caráter afetivo, moral, intelectual, social e espiritual); e posse inalienável (quando o possuído não pode ser separado do possuidor, ou seja, é a posse mais natural, uma vez que não se adquire).

- Tipo de posse – Abstrata
“aí *nossa* amizade foi muito GRANde” (D2-inq. 77)

- Tipo de posse – Material
“a/o *nosso* apartamento vai ser entregue em julho de dois mil e dezenove”
(D2-inq. 05)

- Tipo de posse – Inalienável
“uma coisa importante também na vida *da gente*...” (D2-inq. 05)

Para esta variável, lançamos a hipótese de que a forma inovadora *da gente* será favorecida quando for a posse inalienável; por outro lado, acreditamos que a forma *nosso/a(-s)* será privilegiada no contexto de posse abstrata.

2.3.3 Forma de posse em função do tipo de determinante

Tendo como base Mendonça e Borges (2021), controlamos os tipos de determinantes que ocorrem com mais frequência, acompanhando o pronome possessivo no sintagma nominal das formas possessivas estudadas, e nesta direção, consideramos fundamental controlar os seguintes fatores: artigo definido, artigo indefinido, demonstrativos e ausência de determinantes. A hipótese prevista para esta variável é a de que haverá maior presença de artigos (definidos e indefinidos) e demonstrativos.

- Tipo de determinante – Ausente
“*nosso* país ele é cercado por países que fala a língua espanhola” (D2-inq. 65)

- Tipo de determinante – Artigo definido
“que a vida *da gente* é assim...” (D2-inq. 80)

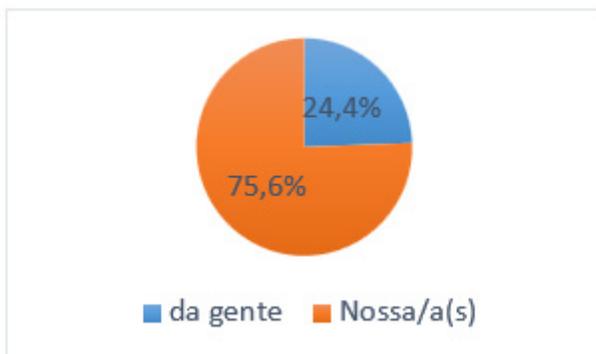
- Tipo de determinante – Artigo indefinido
“pra num ficar doido igual uns colegas *nosso* aí uns e outro aí” (D2-inq. 83)

3 Análises dos dados

Os resultados aqui exibidos são frutos de diversos processamentos estatístico-probabilísticos, visando dar conta da explicação possível para a variação linguística do fenômeno ora estudado. Na seção que se segue, apresentamos, portanto, as rodadas realizadas no GOLDBARB X.

3.1 Primeira rodada: dados percentuais

Gráfico 1 - Frequência de uso das variantes *da gente* e *nosso/a(-s)* em nossa amostra

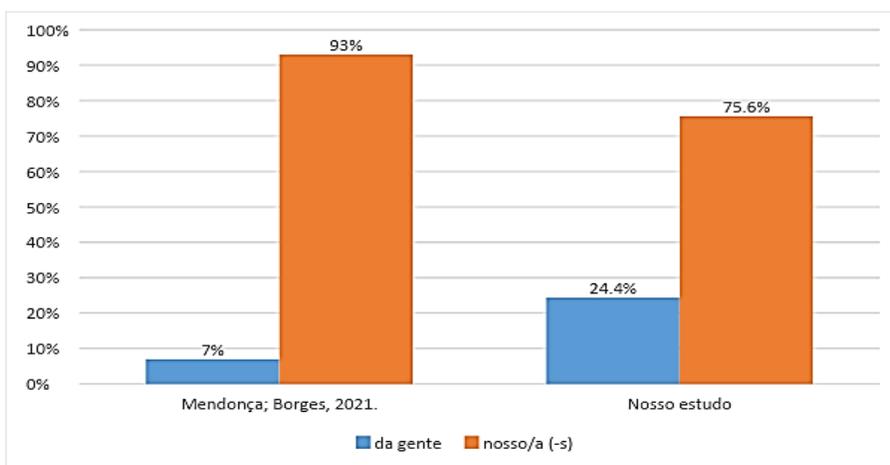


Logo após termos resolvido os nocautes e o *singleton group* da primeira rodada, o programa nos forneceu os dados que apresentamos a seguir. Analisamos, a princípio, a frequência de uso das variantes *da gente* e *nosso/a(-s)*, e, de um total de 225 ocorrências, a distribuição se deu da seguinte forma: 55 ocorrências para a forma *da gente* (24,4%), ao passo que 170 ocorrências corresponderam ao uso de *nosso/a(-s)* (75,6%), conforme ilustramos no gráfico 1.

Como podemos perceber, os resultados do nosso estudo, ilustrados no gráfico 1, comparados aos do trabalho de Mendonça e Borges (2021), difere apenas em relação às porcentagens do uso da forma *da gente*, que apresentaram 34 ocorrências, o que equivale a 7% para a forma inovadora,

e 443 ocorrências correspondendo a 93% para *nosso/a(-s)*. Isso nos leva a inferir que, em ambos os estudos, a frequência da forma de posse canônica ainda é favorecida, de modo geral, na fala culta das comunidades analisadas nos *corpora* das referidas pesquisas. O gráfico 2, logo abaixo, corrobora essa inferência com base nos dados apresentados:

Gráfico 2 - Comparação dos resultados gerais de *da gente/nosso/a(s)* de Mendonça; Borges (2021) e variedades estudadas



Fonte: Elaborado pelos autores.

O uso da forma possessiva *nosso/a(-s)* é maior do que a forma possessiva *da gente* nos percentuais das duas pesquisas apresentadas no gráfico acima: 93% (n = 443) e 75,6% (n = 170) para a forma canônica; 7% (n = 34) e 24,4% (n = 55) para a forma inovadora, respectivamente, tanto na fala de universitários do *Campus Itabaiana/SE* (MENDONÇA; BORGES, 2021) quanto no falar culto de Fortaleza-CE- PORCUFORT - FASE II do presente estudo.

3.2 Primeira rodada: análise binomial

Embora o número de ocorrências da variante *da gente* seja inferior ao da variante *nosso/a(-s)*, optamos por investigar quais fatores contribuem para a realização da forma *da gente*, e desse modo, nos interessa averiguar alguns resultados sistemáticos sobre o comportamento dessa variável no falar culto de Fortaleza.

Assim, na primeira rodada de nossas análises, os grupos de fatores selecionados como favorecedores da variante *da gente*, por ordem de relevância, foram: tamanho do grupo e tipo de posse. Apresentamos, a seguir, os resultados detalhados para cada um destes grupos de fatores, seguindo, portanto, a ordem de relevância.

3.2.1 Tamanho do grupo

Tabela 1 - Atuação da variável *tamanho do grupo* sobre a variante *da gente*

FATORES	Aplicação/Total	%	P.R
Pequeno	51/154	33,1	0.672
Médio	3/30	10	0.341
Grande	1/40	2,4	0.099

Conforme os dados expostos na tabela 1, vemos que o emprego da variável *da gente* é mais acentuado quando o tamanho do grupo é pequeno, ou seja, com no máximo até dez pessoas, apresentando um nível percentual de 33,1% e peso relativo de 0.672.

A hipótese norteadora que tínhamos para este grupo de fatores e testada pela análise estatística foi a de que a forma inovadora *da gente* seria privilegiada por grupos grandes, ou seja, aqueles menos definidos e indeterminados, enquanto que a forma canônica *nosso/a (-s)* seria favorecida pelos fatores grupos pequenos e médios. No entanto, os dados expressos acima

não validaram esta hipótese, haja vista que o grupo que mais beneficiou a forma inovadora foi o grupo pequeno, e não o grupo grande, como prevemos. Este último, por sua vez, favoreceu a forma canônica *nosso/a(-s)*.

Os nossos resultados diferem, em parte, dos obtidos por Mendonça e Borges (2021⁶), pois a forma possessiva *da gente* apresentou, na pesquisa destas autoras, os seguintes resultados para esta variante: tamanho pequeno (11%, n = 13); tamanho médio (11%, n = 8) e tamanho grande (8%, n = 8). Quanto à forma possessiva *nosso/a(-s)*, nos resultados atestados pelas autoras, houve predominância nos três grupos: 89% (n = 107) para pequeno; 89% (n = 63) para médio; e 95% (n = 273) para grande, resultados estes que se assemelham ao nosso estudo com relação a esta variante.

3.2.2 Tipo de posse

Tabela 2 - Atuação da variável *tipo de posse* sobre a variante *da gente*

FATORES	Aplicação/Total	%	P.R
Inalienável	29/80	36,2	0.613
Abstrata	23/120	19,2	0.474
Material	3/25	12,0	0.276

Analisando o grupo de fatores nesta rodada, constatamos que a regra inovadora foi favorecida pelo tipo de posse *inalienável*, ou seja, quando a posse é mais natural e não pode ser separado do possuidor, uma vez que não se adquire. Verificamos que esse fator atua de modo favorável sobre o uso da variante *da gente* com percentual de 36,2% e peso relativo de 0.613.

6 As autoras não apresentaram os pesos relativos, por isso usamos para comparação apenas os percentuais.

A hipótese levantada para este grupo foi de que o fator *posse inalienável* tenderia ao uso da forma *da gente*, o que foi comprovado pelos dados. No entanto, a hipótese levantada para a forma *nosso/a(-s)* sobre o favorecimento dessa variante no contexto de *posse abstrata* foi refutada.

No que tange ao favorecimento da variável *da gente* para o fator *posse inalienável*, bem como da predominância da forma *nosso/a(-s)* para o contexto de *posse material*, o resultado desta pesquisa foi em sentido oposto aos da pesquisa de Mendonça e Borges (2021), pois, para este mesmo fator, o estudo das autoras apontou a predominância da forma possessiva *nosso/a(-s)* nos três tipos de posse: 93% (n = 340) para abstrata; 94% (n = 45) para inalienável; e 89% (n = 58) para material. Por sua vez, a forma inovadora *da gente*, segundo as autoras, foi mais frequente para expressar a posse abstrata (7%, n = 24), já que, nas posses inalienável (6%, n = 3) e material (11%, n = 7), houve poucas ocorrências.

Considerações finais

Este estudo foi alicerçado na metodologia da Sociolinguística Laboviana com o intuito de analisar o processo variável dos pronomes possessivos de 1.^app *nosso/a(-s)* e a forma inovadora *da gente* em amostras de língua falada representativas da variedade culta da cidade de Fortaleza-CE. Com a pesquisa que realizamos referente à expressão de posse citada, acreditamos que reunimos elementos importantes que nos permitem chegar a algumas conclusões sobre a forma de posse da comunidade de fala culta fortalezense.

O estudo aqui exposto mostrou que houve variação das formas *da gente* e *nosso/a(-s)* presentes no *corpus* do PORCUFORT, pois, ao longo dos inquéritos do tipo D2, verificamos que os resultados obtidos para o total de 225 ocorrências, 55 delas favoreceram o uso de *da gente* com o percentual de 24,4%, e 170 ocorrências corresponderam à frequência de *nosso/a(-s)*, totalizando 75,6%. Cabe aqui considerar que estes resultados

foram provenientes de dados de inquéritos do tipo D2, ou seja, diálogo entre dois informantes, e estas entrevistas guardam pouco ou nenhum grau de monitoramento estilístico por parte dos entrevistados.

Diante desse cenário, pressupomos que o uso da forma inovadora *da gente* sobrepujasse a forma canônica, tendo em vista a pouca ou nenhuma formalidade na fala dos inquéritos analisados, conforme mencionamos. Entretanto, os resultados apresentados nos mostram que a variante tida como padrão tende a ser mais usada que a variante inovadora nas formas pronominais possessivas de 1.^app, em amostra da fala culta de Fortaleza.

Sendo assim, podemos inferir, a partir destes resultados, que a forma *nosso/a(-s)*, considerada como variante conservadora, foi a que demonstrou maior frequência de uso, o que denota que o quadro pronominal possessivo de primeira pessoa do plural na fala culta fortalezense, a nosso ver, não apresenta tendência para uma possível mudança em curso, uma vez que a variante inovadora, regra de aplicação deste estudo, permeia concomitantemente com a forma canônica, mas com contextos de ocorrências restritos, evidenciando uma frequência de uso ainda pouco ascendente na comunidade de fala analisada.

A partir dos resultados aqui apresentados, concluímos que a variante inovadora *da gente* ainda apresenta contextos de restrição de ocorrência, conforme demonstramos em nossa análise. Portanto, isso nos leva a inferir que a mudança no paradigma pronominal possessivo, na comunidade de fala oral culta fortalezense, ainda está bem distante de ser implementada.

Referências

ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. **Nosso, da gente e de nós**: um estudo sociolinguístico da expressão de posse no português rural afro-brasileiro. 2005. 224f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2005.

ARAÚJO, Aluiza Alves de. **Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza – PORCUFORT (fase II)**: uma pesquisa em tempo real. Aprovado na Chamada Universal MCTIC/CNPq n.º 28/2018. Fortaleza: Mimeo, 2018.

ARAÚJO, Aluiza Alves de; VIANA, Rakel Beserra de Macêdo; PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa. **O projeto descrição do português oral culto de Fortaleza - PORCUFORT**: das origens aos dias atuais. Web-Revista SOCIODIALETO, v. 8, n. 24, p. 174-198, mar. 2018. LABOV, William. **Principles of linguistic variation**: internal factors. Vol. 1. Malden, MA: Blackwell Publishers Ltd., 1994.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2008.

MENDONÇA, Josilene de Jesus.; BORGES, Cósma Karine Vieira. **Variação nos pronomes possessivos de 1.^a pessoa do plural**. Paraguaçu: Revista de Estudos Linguísticos e Literários, [s. l.], v. 1, ed. 1, p. 106-129, 2021.

OLIVEIRA, Matheus Santos. **O efeito do contato entre línguas na reestruturação do sistema de expressão de posse do português do semiárido baiano**. 2016. 87f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2016.

RAFAEL, Noelma. **Variação, mudança e ensino**: o caso dos pronomes possessivos da gente e nosso(a)(s) em uma abordagem sociofuncionalista. 2010. 81 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2010.

SANKOFF, David. Sociolinguistics and syntactic variation. In: NEWMAYER, Frederick. J. (ed.). **Linguistics**: The Cambridge Survey. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p. 140-161.

SANKOFF, David.; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. **Goldvarb X**: a multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics, Ottawa: Department of Mathematics, 2005. SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. Coleta de dados. *In*: MOLLICA, Maria Cecilia.; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2019. p. 117-134.

TAGLIAMONTE, Sali A. **Variationist Sociolinguistics**: change, observation, interpretation. Blackwell Publishing Ltd., 2012.

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics**: an introduction to language and society. 4. ed. Penguin Books, 2000.

WEINREICH, Uriel.; LABOV, William.; HERZOG, I. Marvin. **Fundamentos empíricos da mudança linguística**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.